

A TEORIA ESTÉTICA DE BAUDELAIRE

Luana Kimberly Madruga Almeida *

DOI: <https://doi.org/10.52521/occursus.v9i1.12501>

RESUMO

Este artigo tem como objeto analisar de forma sucinta a teoria estética de Charles Baudelaire em meio ao seu contexto histórico, e como o poeta fundamenta sua teoria estética de arte e beleza em meio ao que ele determina por modernismo. Iniciaremos nossa investigação com uma breve introdução a respeito do autor e seu contexto. A seguir veremos, brevemente, o que Baudelaire entende por beleza, arte, moda, etc. Consoante a isso, nossa investigação se estenderá a Baudelaire e a modernidade, e como esse período tão característico determina o pensamento do autor. Ademais, veremos a posição e influência de Baudelaire diante do movimento a arte pela arte. Por fim, apresentaremos a conclusão de nossa investigação, e como o poeta apresenta noções de interesse à Filosofia, ao tratar conceitos estéticos em suas obras.

PALAVRAS-CHAVE

Estética. Arte. Beleza. Realismo. Naturalismo. Simbolismo. Literatura.

RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser succinctement la théorie esthétique de Charles Baudelaire dans son contexte historique, et comment le poète fonde sa théorie esthétique de l'art et de la beauté dans ce qu'il définit comme le modernisme. Nous commencerons notre enquête par une brève introduction sur l'auteur et son contexte. Nous verrons ci-dessous brièvement ce que Baudelaire entend par beauté, art, mode, etc. Notre enquête s'étendra ainsi à Baudelaire et à la modernité, et à la manière dont cette période caractéristique détermine la pensée de l'auteur. Nous verrons également la position et l'influence de Baudelaire dans le mouvement de l'art pour l'art. Enfin, nous présenterons la conclusion de notre enquête, et comment le poète présente des notions d'intérêt pour la philosophie, lorsqu'il traite des concepts esthétiques dans ses œuvres.

MOTS-CLÉS

Esthétique. Art. Beauté. Réalisme. Naturalisme. Symbolisme. Littérature.



1 INTRODUÇÃO

Charles Baudelaire (1821-1867), um dos precursores do Simbolismo. Foi poeta e um dos nomes mais influentes da França no XIX, inaugurando a modernidade da poesia. De personalidade controversa, passa a levar uma vida boêmia, entregando-se desde a juventude aos vícios e aos prazeres diversos. Baudelaire dedicou-se, também, em traduzir as obras de Edgar Allan Poe (1809-1849), que exerceu forte influência em seu pensamento. Em suas obras, Baudelaire expressa seu desprezo pela sociedade, com intuito de através de sua poesia “extrair a beleza do mal”. Suas principais obras são: “*As Flores do Mal*”; “*Paraísos Artificiais*”; “*Pequenos Poemas em Prosa*”; “*Sobre a Modernidade*”; etc.

Devido ao caráter crítico de suas obras, Baudelaire desperta a atenção de diversos pensadores, entre eles: Walter Benjamin (1892- 1940), que se dedicou ao estudo e crítica das obras de Baudelaire, partindo do comportamento do poeta frente à burguesia que pretendia impor aos artistas um modo de

* Acadêmica do curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. E-mail: luanakimberlyalmeida42@gmail.com

produção. Benjamin também sustenta a ideia de beleza apresentada por Baudelaire, ou seja, de uma beleza em contraposição ao caráter feio da burguesia. A teoria do belo de Baudelaire, fundamenta-se a partir do pressuposto de que todo sentimento estético é, concomitantemente, transitório e eterno, isto é, ser prescindível de um período, mas, também poder se tornar clássico.

Na introdução de sua tradução aos textos de Edgar Allan Poe, Baudelaire salienta sua crítica aos artistas, a saber, por sua desconformidade com a realidade. Baudelaire se vê em meio aos valores pressupostos em sua época, baseados no avanço científico e na busca por métodos que sejam científicos, filosóficos, etc. A poesia também adquire esse caráter mais intelectual e os escritores, que não encontram mais um ideal de beleza para se agarrar, dedicam-se também a impessoalidade na hora de escrever. Em “*As Flores do Mal*”, Baudelaire, mesmo que ainda com traços do romantismo, inicia o simbolismo que é marcado pela vontade de evidenciar a realidade social humana. Baudelaire se propôs a extrair a beleza do mal através da poesia, demonstrando a realidade hipócrita da sociedade.

2 A DUALIDADE DA BELEZA

Baudelaire fundamenta sua teoria estética em meio a uma dualidade, onde o autor distingue dois tipos de beleza, a saber, uma invariável e eterna e outra variável e transitória. Para o poeta, a beleza é contingente, e está sujeita a períodos, paixão, cultura, moda, etc. Segundo Baudelaire, todo sentimento estético possui algo de eterno e variável, por que a beleza é multiforme¹, isto é, não está restrita a um único modo de abstração. Segundo Baudelaire (1923), “A beleza absoluta procede da abstracção [sic] das diferentes belezas. Procede das paixões: tal como temos nossas próprias paixões, temos a nossa própria beleza”². A beleza eterna não existe em sua totalidade, mas somente, em meio a transitoriedade.

Enfatiza Baudelaire:

Na verdade, esta é uma bela ocasião para estabelecer uma teoria racional e histórica do belo, em oposição à teoria do belo único e absoluto; para mostrar que o belo inevitavelmente sempre tem uma dupla dimensão, embora a impressão que produza seja uma, pois a dificuldade em discernir os elementos variáveis do belo na unidade da impressão não diminui em nada a necessidade da variedade em sua composição. O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, à época, a moda, a moral, a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como o invólucro aprazível, palpitante, aperitivo do divino manjar, o primeiro elemento seria indigerível, inapreciável, não adaptado e não apropriado à natureza humana. Desafio qualquer pessoa a descobrir qualquer exemplo de beleza que não contenha esses dois elementos.³

Segundo o poeta, a beleza fundamenta-se, também, na individualidade do autor. De acordo com Baudelaire, o artista deve buscar explorar sua criatividade, buscando a perfeição artística. Para Baudelaire, Constantin Guys (1802- 1892) é o exemplo de artista que consegue demonstrar em suas obras a dualidade, da transitividade e do eterno, de maneira equilibrada. “Em outras palavras, Guys teria sabido reter, de seu tempo, características de estilo e moda tão especiais que comporiam um conjunto harmônico com aquela metade eterna e imutável do belo. Nas palavras de Baudelaire, ele é o pintor da circunstância e de tudo que ela sugere de eterno”⁴.

Segundo Baudelaire,

“O belo é sempre extravagante”, diz Baudelaire; sem isso, seria banal, o que seria uma característica inconcebível da beleza. Claro que não é franca e voluntariamente extravagante, mas sim feito de uma pequena extravagância inconsciente e por vez ingênua. Este lado extravagante é variável consoante os países, os costumes, os povos, os hábitos e o temperamento pessoal do artista, nunca deverá ser regulado, emendado, retificado [sic]: tal ausência de liberdade seria a morte da arte.⁵

A beleza é uma expressão da moda de cada época, são os homens em busca da representação daquilo que os agrada no momento. Mas que logo passa e se for considerado belo, fica retratado em estátuas, pinturas etc., e tornam-se clássicos. Se for considerado feio, não passam de caricaturas. A

1 *Apud* Bayer, 1961, p. 285.

2 *Apud* Bayer, 1961, p. 285.

3 Baudelaire, 1996, I.

4 Martins, 2013, p. 40.

5 Bayer, 1961, p. 285.

temporalidade marca esse processo de dualidade sustentada por Baudelaire. O que foi considerado belo se mantém eterno através da arte, apesar de não ser mais considerado belo pela moda atual. Essa liberdade de expressão de diversas belezas que sustentam a arte, segundo Baudelaire, é onde o artista é capaz de expressar a realidade de sua época, de sua religião, etc. “[...] a porção eterna de beleza estará ao mesmo tempo velada e expressa, se não pela moda, ao menos pelo temperamento particular do autor. A dualidade da arte é uma consequência [sic] fatal da dualidade do homem”⁶.

A arte e o belo são capazes de extrair do homem sentimentos de fé, uma espécie de atribuição a espiritualidade, que segundo Baudelaire, é onde o artista expressa seus desejos, sentimentos, etc. A arte é capaz de incitar no artista a coragem de expressar efetivamente a realidade das coisas. De acreditar na verdade dessa representação e, logo mais, exteriorizar em sua obra. Esse anseio de representação deve ser acompanhado de uma certa dificuldade, dado que para Baudelaire, a arte não se expressa facilmente. E um verdadeiro artista não deve buscar nada além da perfeição. “Tudo o que não é perfeição deveria esconder-se, e tudo o que não é sublime é inútil e culpável”⁷, salienta Baudelaire.

Na introdução de sua tradução das obras de Edgar Poe, Baudelaire, falando dos artistas, considera-os como sendo uma raça irritável. Há neles desproporção com a realidade, e veem, por exemplo, a injustiça, não onde ela não existe, mas muitas vezes onde os olhos não poéticos não a veem. Esta famosa irritabilidade poética tem relações com uma certa clarividência: “Esta clarividência, diz-nos Baudelaire, não é senão um corolário da viva percepção da verdade, da justiça, da proporção, numa palavra, do belo”.

2.1 A MODERNIDADE EM BAUDELAIRE

Baudelaire⁸ se encontra em meio a diversos movimentos artísticos característicos do século XIX, entre eles: naturalismo, realismo, romantismo, simbolismo, etc. Ademais, a Teoria da Evolução de Darwin, amparava novas perspectivas e maneiras de fundamentação das diversas áreas do conhecimento, o naturalismo se evidencia por ser uma radicalização do realismo, e tinha como pressuposto a teoria evolucionista. O naturalismo se caracterizava pela impessoalidade, positivismo, determinismo, etc. A literatura naturalista abordava livremente o sexo, adultério, e uma representação fiel da realidade que antes ofuscada pelo romantismo não demonstrava a verdadeira face burguesa da sociedade.

Segundo Mourão,

[...] o que impulsiona a lírica do poeta dividido entre duas épocas, e fará de sua obra a voz angustiada do seu tempo, em que a beleza é marcada pela inescrupulosidade e frivolidade da vida burguesa, causa da opressão moderna. Baudelaire, extasiado até a obsessão, torna-se o poeta da cidade febril, pervertida, perturbadora⁹.

Em *Sobre a Modernidade*¹⁰, Baudelaire expressa os conflitos motivados pela vida moderna. Baudelaire expõe como a instauração de uma nova burguesia e as mudanças da vida urbana, após a primeira revolução industrial, influenciam nos valores estéticos da sociedade. Baudelaire crítica a falta de individualidade, a superficialidade e os valores impostos pelo modernismo. Em meio às multidões o indivíduo se ofusca, onde o autor usa a figura de Dândi¹¹ que se dedica a vida social, a moda, e os valores estéticos da sociedade, nada para ele vale mais do que a beleza da vida moderna. Salienta Baudelaire, o Dândi:

Admira as belas carruagens, os garbosos cavalos, a limpeza reluzente dos lacaios, a destreza dos criados, o andar das mulheres ondulosas, as belas crianças, felizes por viverem e estarem bem vestidas; resumindo, a vida universal. Se uma moda, um corte de vestuário foi levemente transformado, se os laços de fita e os cachos foram destronados pelas rosetas, se a mantilha se ampliou e o coque desceu um pouquinho na nuca, se a cintura foi erguida e a saia alargada, acreditem que a uma distância enorme seu olhar de águia já adivinhou¹².

6 Baudelaire, 1996.

7 *Apud* Bayer, 1961, p. 285

8 Faremos uma breve abordagem do contexto histórico de Baudelaire para, deste modo, compreendermos melhor o que motiva o autor conforme o seu período.

9 Mourão, 2016, p. 50-51.

10 Obra dedicada ao pintor Constantin Guys (1802- 1892).

11 (Homem com um ótimo senso estético).

12 Baudelaire, 1996.

Para Baudelaire, este homem busca algo que o autor chama de modernidade¹³. “Houve uma modernidade para cada pintor antigo: a maior parte dos belos retratos que nos provêm das épocas passadas está revestida de costumes da própria época”. Baudelaire define modernidade como algo característico de cada período, de cada artista, de cada moda etc., onde se apresenta a beleza que o ser humano a confere. “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”¹⁴.

2.2 BAUDELAIRE E A ARTE PELA ARTE

Quanto mais beleza o artista lhe conferir, mais preciosa será a obra; mas há na vida ordinária, na metamorfose incessante das coisas exteriores, um movimento rápido que exige do artista idêntica velocidade de execução. As gravuras de várias tonalidades do século XVIII obtiveram novamente o favor da moda, como eu afirmava há pouco; o pastel, a água-forte, a água-tinta forneceram sucessivamente seus contingentes para o imenso dicionário da vida moderna disseminado nas bibliotecas, nas pastas dos amadores e nas vitrines das lojas mais vulgares.¹⁵

O movimento a *arte pela arte* surge relacionado ao romantismo, realismo, característicos da sociedade moderna do século XIX. Baudelaire, como já mencionado, adota uma posição crítica diante dos valores burgueses de sua época, “[...] também é um protesto contra o utilitarismo vulgar, contra as medonhas preocupações da burguesia com seus negócios. É uma determinação do artista de não produzir mercadorias em um mundo no qual tudo se transforma em mercadoria vendável”¹⁶. A arte não deve ser reduzida a uma mercadoria, e a beleza não pode ser analisada como meio de aumentar o preço de uma obra, tanto quanto o artista não deve ser condicionado a produzir para gerar lucros. A liberdade é o que sustenta a arte¹⁷.

Salienta Fisher,

Baudelaire erigiu a efígie sagrada da beleza em oposição ao feio mundo da burguesia. Para a hipocrisia vulgar e para o esteticismo anêmico, a beleza é uma fuga da realidade, um quadro digestivo, um sedativo barato; mas a beleza que se ergue da poesia de Baudelaire é um colosso de pedra, uma truculenta e inexorável deusa do destino, tal como o anjo da ira empunhando uma espada de fogo: seus olhos faíscam e condenam um mundo onde triunfaram o feio, o banal e o inumano. A pobreza disfarçada, a doença oculta e o vício secreto não podem deixar de se revelar em face da sua nudez radiante. É como se a civilização capitalista fosse trazida ante uma espécie de tribunal revolucionário: a beleza conduz o julgamento e pronuncia o seu veridicto [sic], escrito em linhas de aço temperado.

O mundo burguês não era capaz de encarar a realidade apresentada nas obras de Baudelaire, e muitos de seus poemas foram censurados devido ao caráter representacional de uma beleza “assustadora”, dado que o poeta se propôs a retirar beleza do mal.

Walter Benjamim¹⁸ define a posição de Baudelaire do seguinte modo:

Ele foi o primeiro a perceber – e esta percepção tem imensas consequências – que a burguesia se achava em um processo de retirada da sua subvenção aos artistas. Que novo amparo social poderia tomar o lugar da burguesia? Nenhuma classe social estava em condições de dar-lhes com que viver; o único lugar onde se podia obter suprimento era o mercado de investimentos. Não eram as questões óbvias que comportavam solução a curto prazo as que inquietavam Baudelaire, e sim questões mais profundas, que não comportavam solução imediata... Porém, a natureza do mercado, onde essas questões deveriam ter descobertas as suas respectivas soluções, era de tal ordem que impunham um modo de produzir tanto como um modo de viver dos antigos poetas. Baudelaire foi compelido a clamar pela dignidade do poeta em uma sociedade que já não tinha mais dignidade de qualquer espécie para proporcionar.¹⁹

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baudelaire se posiciona ao seu tempo através de sua teoria estética, onde a beleza surge em contraposição a feiura da burguesia. O poeta evidencia sua teoria através da dualidade da beleza,

13 Aqui modernidade ganha um novo conceito dado por Baudelaire.

14 *Ibid.*

15 Baudelaire, 1996.

16 Fisher, 1987, p. 80.

17 Ver página 3-4.

18 *Apud* Fisher, 1987, p. 81.

19 Benjamim *apud* Fisher, 1987, p. 81.

uma mutável e transitória e outra imutável e eterna. Através de cada ideal de beleza, de acordo com Baudelaire, está representada a modernidade de um período. Isto é, Baudelaire atribui um novo modo de compreender a modernidade, como uma forma de representação da moda, do belo e da arte. A modernidade representa o lado transitório da arte, a caracterização da moda e dos valores, que no século XIX são atribuídos a uma nova burguesia e os movimentos artísticos que o circundam. Baudelaire busca representar a realidade em seus poemas, e para isso é necessária a liberdade que, de acordo com Baudelaire, sustenta a arte. Liberdade que se vê ameaçada com a valorização do capitalismo, e a transformação da arte como algo vendável e lucrativo.

4 REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAYER, R. **História da estética**. Trad. J. Saramago. Lisboa: Estampa, 1978. p. 284- 285.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Trad. L. Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987. p. 80-82.

MARTINS, G. V. **Poética clássica e estética: de Platão a Baudelaire**. 2013. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MOURÃO, E. J. T. **A crítica de arte em Charles Baudelaire**. 2016. 180 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

